Praia do Vau, 19/3/94
(escrevo a correr!)

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo FCS 01.178.05

Querido artista e amigo Cruzeiro Seixas,

O seu recado PULQUÉRRIMO, repartido, como de costume, por 3 postais belíssimos, tocou-me profundamente e já o mandei aos meus amigos escritores da América do Sul.

"Um naco onomatopaico", etc. tinha uma inexactidão, quanto à redacção do letreiro afixado na "Leitaria Garrett", do Chiado, que rectifiquei, bem como acolhi algumas outras frases que a mente me ditou. Por favor, se ainda conservar a primeira versão (seria uma honra para este seu admirador) rasgue-a e substitua-a pela presente. Também lhe remeto "Árvores, "cache-col" e livros amados" parido, no mês último, na Praia do Vau, bem como a última versão (creio) de "O incêndio deste dia". Das três produções, qual lhe agrada mais? O seu parecer e os seus conselhos são importantes para mim! Íssimos!

Há meses, remeti as três homenagens inéditas minhas a CRUZEIRO SEIXAS, mas o Barradas não as publicou, no "Diário de Notícias", nem respondeu à minha carta posterior. Feitios e insensibilidades...

Ainda estou a trabalhar no Algarve. Aqui, pastam ainda ovelhas e ouço os seus chocalhos.

Abraços do amigo e intenso admirador Tito

Anexos: 2ª versão do "Naco onomatopaico"; Idem de "O incêndio deste dia"; "Árvores, "cache-col" e livros amados".

Escreva-me, se lhe aprouver, para Alfragide.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo | FCS
01.178.05

ÁRVORES , "CACHE-COL" E LIVROS AMADOS

Gritam que estou doido (murmuram que estou louco, quando me encontro perto ...) porque este inverno coloquei um "cache-col" a todas as árvores do bosque . E isso, rigorosamente,não é verdade ! Só consegui fazê-lo a sete ! Um poeta que nem dinheiro tem para selar todas as cartas destinadas aos seus amigos da América do Sul como poderá agasalhar e colorir uma mata inteira ? Se rico fôsse, ou até remediado, fa-lo-ia . E convidaria muitos de meus conhecidos a contemplar toda a mata vizinha enriquecida com essas peças de vestuário que alguns povos meridionais desconhecem ou não usam . Mandaria então servir um "cocktail" entre os troncos assim ataviados coloridamente, as cabeleiras das copas a encimá-los . "Traje vegetal",indicaria em cada convite . Seria a concretização de uma colorida ideia antiga .

E esta minha invenção de agasalhar as árvores com um longo "cache-col"azul, amarelo, branco, lilás, negro, vermelho, cinzento, está já registada no Instituto Nacional das Patentes , não haja plágio entre leitores ...

Amo e protejo os bosques muito antes de aparecer e de se divulgar a palavra ecologia ,significado que não passa, na actualidade , mais do que uma sincera convicção de poucos, de uma extensa e superficial moda , para a maioria .

Surgiu este consciente amor, quando, aos treze anos, eu li Knut Hamsum, notável escritor norueguês, não por acaso galardoado com o Nobel - mas hoje sepultado sob o branco silêncio da neve circundante - apenas porque alinhou com os vencidos da segunda guerra mundial do século que, de aqui a menos de seis anos,finda . Poucos livros que haja lido atingem o mistério e a profundidade deste seu "Pan", difundem um tão inesquecível rumor de torrente e de folhagem .

Mas que volumes, editados em línguas latinas,salvar,já na acentuada rampa do último decénio deste século que declina ? Libertá-los do inferno e artifício desta floresta de computadores . Além do "Guardador de Rebanhos," de Alberto Caeiro, e de "Platero y yo", de Juan Ramón Jiménez ?

(continua)

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo FCS 01.178.05

E agora mesmo, ao tornar mecanicamente paralelas estas minhas linhas, descubro que tenho preconceitos e preferências literários revestidos pelas densas ramarias ecológicas .

Dentro de escassos meses, menos já de 23, viveremos no último lustro antes do vigésimo primeiro século . E como escolher e salvar os livros amados da minha biblioteca, logo eu, que nem coragem tive para ser biblioclepata quando era jovem - ávido de boas leituras - e nem dinheiro tinha para adquirir os livros que ambicionava !

Na verdade, não mais suporto esta sociedade de bibliocastas !

E, aos meus exactos sessenta anos, vou querer galões dourados e binóculos negros e tirar um curso, por correspondência, de almirante !

Tito Iglesias

Praia do Vau, 5 de Fevereiro de 1994 .

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo CS 01.138-05

lo braço Jorge Luis Borges (que também - tal como eu - não logrou um Nobel), ao lon - go da Calle Florida , muy florida . Florida qual aquela longínqua pa - rede de subúrbio, ensanguentada por palavrões . E também por bolas e riscos obscenos . De quando em vez , tropeçavamos nas consoantes, cho - cavamos contra a afiada esquina das sílabas, onde havia uma barbearia . Para alardearmos descontracção e confiança, íamos Jorge Luis e eu assobiando canções castiças, na penumbra . Não queríamos admitir que ambos estava- mos cegos . Pretendíamos, no nosso íntimo, ser o guia um do outro ... E que canções continuavamos assobiando pelas ruas e praças de Buenos Aires, inspirada e sentidamente, mesmo sem enxergar, no trajecto, o velho armazém rosado ? E não será óbvio ? Por Buenos Aires adiante ... Não adivinha, leitor circunspecto ? Mas que se poderia assobiar na fa- mosa cidade do Rio da Prata senão czardas ? As czardas do escultor dinamarquês Mário de Sá-Carneiro ! (E como vos deslumbrará esta minha policultura). Moral do naco, mesmo sem molho de onomatopeia : a policul- tura - que é policresta - produz-me polifagia ...

E Camões cogitava, na cidade do Castelo de S. Jorge, numa está- tua-ventilador que, sempre que fôlheassem vertiginosamente "Os Lusía - das", perante as desinteressadas e sonolentas pálpebras reais, varresse, em torno, os inúmeros imbecis da corte ... Isto, antes do poeta ter estátua e de ser praça ... Antes que se sorteassem, entre as ossadas anónimas, aquelas a transferir para o Mosteiro dos Jerónimos . E que se apunhalassem, em suas carteiras de madeira, indefesos jovens , vir - tuais amantes de poesia . Obrigando-os a retalhar, anatomicamente , estrofes inteiras em orações gramaticais . Como que aproveitando aque- le pulcro corpo de poesia, estendido já sobre o mármore da imortalida- de, para efectuar a sua autópsia .

Antes que muitas figuras históricas de Portugal fossem pintalga - de vermelho e outras cores, após Abril, pelos anões da política e da revolução . Parcialmente cego, devido a certeiro golpe desferido pelo materialismo dos seus contemporâneos, pedia Luis de Camões esmola no Chiado, junto à Leitaria Garrett, ambos nomes de poetas posteriores, alimentados pelos fartos seios dos anacronismos ...

Hoje, loja trespassada , apenas uma "boutique", onde se entra e não se permanece . Ou um belo sarcófago luso, repleto de recordações dos ex-frequentadores, onde a memória deles permanece envolta em faixas de branco linho e perfumada por desconhecidas ervas aromáticas . Encer- rada há muitos anos (lia-se antes, imodestamente, num letreiro " Es- merado serviço de chás e torradas "), mas, oniricamente, proprieda - de minha e do Vitorino, o qual muito ali namorou (então, que se nin - guém sabia que éramos poeta e cantor) . Propriedade também dos alu -

(continua)

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo FCS 01.178.05

nos de Belas Artes, de Lisboa, hoje pintores conhecidos, como o Batarda e vários mais, que, antes do naufrágio solar, se agarravam à jangada de uma torrada com manteiga .

E quedo permanecia, quase sempre, em sua mesa o João das Baratas - o doutrinador da "Garrett", com sua tímida atracção por miúdas e seu humor subtilíssimo . Denominado "das Baratas", porquanto dedicava 0,5 % do seu tempo de ócio e de riso à nobre e incompreendida arte de desinfestar casas alheias com um insecticida eficaz contra baratas, cuja fórmula herdara do pai .

"Depois das três da tarde"- insinuavam-lhe sobre as cháve - nas - "todas as baratas são pardas ..."

Camões passava, de novo, à porta, vindo da Rua Ivens . E suplicava : "Troco um soneto por um copo de leite ... Ou uma es - trofe por uma torrada !" .

Tito Iglesias *

Praia do Vau, 16/12/1993 .

* Tito Iglesias é um poeta espanhol, mas culturalmente lusitano . Durante quase dezassete anos que permaneceu no Brasil , empenhou-se em divulgar alguns dos grandes vates portugueses deste século . As suas criações possuem nítidas estrias surrealistas .

Um naco onomatopaico, inspirado no som da máquina de modelar

próteses poéticas 2ª VERSÃO (1)

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo FCS
61.178.05

2 Tito Iglesias *

Aquela Vénus de Milo tinha a boca cheia de rimas inaudíveis e de invisíveis graínhas de uva . Porque as cuspia - a cada cinzelamento do nervoso escultor - de braços não carecia ... Assim, eram os decepados braços cúmplices do vôo das graínhas . E também, antes e após cada golpe, se escutavam, ritmicamente, as escondidas rimas .

Mas porque esborrachei eu cinco formigas sobre o branco tampo marmóreo por onde corriam ? E porquê só essas cinco, ao ziguezague do acaso, na laboriosa fila ? Teria ocorrido pelo contraste da cor, ou pela sua irritante mobilidade perante a sempre sólida e fria impassibilidade do mármore ? Mistérios numéricos ocultos no interior da mente e accionando os inconstantes dedos do instinto...

Absortos, alguns filósofos gregos limpavam os seus dentes incisivos, à sombra do Partenon, com os palitos obsessivos das ideias . Mas não os caninos, para os quais reservavam, coerentes, um osso hedonista... Criação consiste - ó bárbaros e passivos povos, espectadores de Tv - em palitar os dentes brancos de uma página em branco, na brancura de um livro, com ideias agudas ! E, como exemplo, em humedecer e plantar, no nada, as fecundas sementes caídas da imaginação de lusos surrealistas (Cesariny, Cruzeiro Seixas, António Maria Lisboa & Poucos Mais, pois vários outros apenas embusteiros flibusteiros terão sido !) .

Um urso pesado, do porte de um granadeiro, calcou, para sempre, há muitos lustros, a débil planta jovem que seria o primeiro pinheiro de Natal, da idade adulta , de minha tia . Tia tristíssima para toda a vida, sabedora que a pata do passado esmagara o que seria a sua verde arvorezinha privativa . E tia para sempre séria, formando docilmente fila para a sua ração diária de melancólia .

Mas não sejamos torrenciais, neste "cadavre exquis", ó meu irmão siamês ! No parágrafo que a mim me cabe, a seguir, tornar-me-ei sintético : sobre a alvura de uma calvície (definição de cogumelo), eis um chapéu-de-chuva conservadoramente preto .

Ao entardecer, ratos ociosos vinham às amuradas do sótão e às bibliotecas municipais de Lisboa, após consultar e roer as páginas amarelas, tocar violino . Rato (mas só mentalmente) rima bem com o verbo roer . E aqueles ratos sábios roiam cordas até se fartarem, mas não eram os ratos do rei da Rússia . Mas certa aluna - aquela mulher jovem e branca, de cabelos negros - era qual violino, ondulado pela volúpia,

(continua)

Iglesias

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo CS 01.178.05

que o velho professor de música não sabia tocar . Nem roer . Autocrítica (apalpando o tecido de veludo do verbo tocar) : com algum requinte linguístico, tanger soa mais canoramente . E é mais peculiar de violino . Mesmo para quem só, como eu, efectua, como artífice, ninhego e galego, simples obturações de poemas antigos . Mas que nunca pretende ser articida .

Naquele cantão com brasão, em todos os vigésimos sextos dias de cada mês, atrás de um biombo pudico, permitiam tocar bombo sobre o chapéu-de-coco do Presidente (com todo o respeito) da República . Bosta deveria ser escrita sempre com letra maiúscula ! - digam-no à míope , ou melhor distinguindo, miope ratazana Eustáquia, que circula pela Baixa com pretensões de jornalista . E o vocábulo ratazana, no meu entender, por seu asqueroso pêlo molhado, próprio dos esgotos ulissiponenses (nunca uma cloaca atraiu para suas águas adjectivo de tamanho esmero) bem poderia ser acentuado. Assim : ratázana, perfidamente esdrúxula ... Zénite , zircónio, zoófago e zoógrafo são palavras acentuadas pelo z, ou pelo acento agudo ? E, perante tal modo de zunir, ou de zurrar, melhor não seria "azentuadas" ? - interrogo-me, com modéstia, meditando na minha tardia arte de bem inventar a toda a sela .

Surrealismo, ó académicos de peludas mãos vendadas e de brancos joelhos ocultos, não é, admitam-no , piromania ! E, num arquipélago próximo, seria Gauguin um doente no percurso final ? Ou, afinal, não um paciente mas um pincel ? Pincel bebendo, como um cavalo, na sua paleta . Ou pincel molhado em cores quentes ? Ó puristas, com vossas gigantescas borrachas de apagar erros ortográficos do proletariado, debaixo do braço ! As minhas sinistras associações de ideias forçaram-me a fundar, na Polinésia, a Associação dos Leprosos Mentirosos ...

Continuo marchando, a passo de ganso, obliquamente, pelo passeio, sobraçando uma régua compridíssima, em direcção à rubra frente de batalha . Mas que farei eu com esta verde boina de pára-quedista sobre o crânio, senão agarrar-me a ela - cheia já de ar - no momento da queda ? E não quero proteger-me, eu juro, com as boinas das ideias feitas, nem arrastar-me, coxeando, pelas bermas da literatura, com o auxílio das muletas dos lugares-comuns . Mas, na verdade, prosseguirei eu, solitário, embora a duas mãos, escrevendo este texto sem policiamento? - o potente motor da motocicleta do surrealismo . E não constituirá já esta íntima interrogação - inquiridora - um súbito desvio do puro jorro de criação artística ?

Espiritualmente, eu, que jamais fui a Buenos Aires, apesar da minha permanência e proximidade no Rio Grande do Sul, ia conduzindo, pe -

(continua)

UNIVERSIDADE ... ORA
Arquivo fes 01.178.05

O incêndio deste dia

E arde ,
arde
até a nuca
da tarde
a loura cabeleira
deste meio-dia .

ULTIMA VERSÃO

Covarde ,
covarde
crepita
ao longe o fogo ,
crepita
na planura seca
- hórrida
e ruiva
melodia .

Hoje ,
meus tímidos olhos assistiram ,
ao ar livre ,
da manhã pura ao céu em fogo ,
à calcinação
deste meu dia .

Tito Iglesias

Praia do Vau , 5 de Novembro de 1993 .